

André Martins

IBPW/IWA

entrevistado por Daniela Guizzo

IBPW/IWA*

Daniela Guizzo

André, quando e como você conheceu a obra de Winnicott e quando iniciou seus estudos sobre ela?

André Martins

Eu fiz o doutorado em filosofia pleno na França, tendo como orientador Clément Rosset, que é um grande filósofo que faleceu em 2018, e embora fosse um filósofo, além de dar aula de filosofia, ele dava aula de teoria psicanalítica. Assistindo as aulas dele, eu me encantei! Um auditório lotado, na Universidade de Nice, inclusive com vários psicanalistas da cidade que compareciam como ouvintes. Eu assistia à aula dele e comecei a comprar e devorar livros de psicanálise; basicamente, de Freud e Lacan, um pouquinho de Bruno Bettelheim, que volta e meia citava Winnicott, mas eu não conhecia Winnicott.

Defendi minha tese lá, e voltei ao Brasil, e no início de 1995 já iniciei o pós-doutorado júnior, chamado recém-doutor, em Comunicação e Psicanálise. Nesse mesmo ano fui para um Congresso em Brasília e num ônibus do Congresso, sentei ao lado do Nahman Armony, um grande estudioso carioca de Winnicott e também um autor que tem um trabalho maravilhoso e livros incríveis. E batendo papo com ele no trajeto, a gente simpatizou de cara. Ele me falou de Winnicott ao longo do percurso do ônibus e eu falei para ele de Spinoza, e a gente viu uma afinidade enorme entre Winnicott e Spinoza, e uma afinidade enorme também entre nós dois. Voltando para o Rio de Janeiro, ele me convidou, e eu aceitei feliz, a fazer a formação no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, onde ele ensinava e do qual ele era membro.

Então, meu primeiro contato com Winnicott foi através do Nahman. Como eu faço sempre, comecei a comprar milhões de livros de Winnicott; e a fazer a formação, tendo, entre

* Entrevista originalmente veiculada ao vivo no Instagram, em 26 de outubro de 2023.

outros professores do Círculo, o próprio Nahman. Foi assim que eu entrei em contato com Winnicott, já Doutor em Filosofia, porém, um jovem Doutor, né? Com 27 anos. E desde então eu enveredei por essa descoberta maravilhosa que é a obra de Winnicott!

Daniela Guizzo

Interessante você conhecer o Winnicott na França, sim?

André Martins

Então, não foi na França. Na verdade, eu me abri para a psicanálise e estudei muito, na França, Freud, Lacan e um pouco de Bruno Bettelheim, e na volta, aí sim, conheci Winnicott.

Daniela Guizzo

Em 1999 você publicou o artigo “O superego da neurose na etiologia das psicoses” [nos Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ), Rio de Janeiro, v. 13, p. 65-78, 1999].

Nele, você escreveu que pretendia abordar a questão do papel do superego da neurose na etiologia da psicose, ou a questão da relação entre superego e psicose. Você iniciou seu artigo fazendo uma análise sobre a psicose na teoria freudiana e desenvolveu sua escrita da direção dos conceitos winnicottianos relacionados à agressividade, falso e verdadeiro *self*, e organização defensiva para justificar que “através de Winnicott, portanto, fica-nos fácil compreender que a agressividade efetivamente contra – a própria pessoa, o mundo e os outros –, assim como a própria psicose, são reativas, defesas segundas contra agressões sofridas que impedem a expressão do *self*.”

Este foi um de seus trabalhos iniciais sobre Winnicott? Você escolheu um tema complexo. Você poderia nos falar um pouco sobre este trabalho? Sobre sua primeira aproximação com a profundidade do pensamento winnicottiano?

André Martins

Então, eu já estava com anos de formação no Círculo e com essa aproximação, com essa troca intelectual maravilhosa com o Nahman Armony, e, nesse mesmo período, eu comecei também a frequentar uma instituição que também era incrível daquela época, que se chamava Toca, da Ana Rocha, uma psiquiatra brilhante, também conhecida como Ana Baiana; ela continua trabalhando, mas essa instituição fechou faz muito tempo. Ela fazia um trabalho incrível, em particular com psicóticos. Enfim, eu comecei a frequentar também outros grupos que trabalhavam com a psicose e tive contato também com pacientes psicóticos graves. Então

isso me ajudou a perceber, com os meus próprios olhos, como que eu estava entendendo o que eu chamo de psicodinâmica do psiquismo de modo geral. E no caso da psicose, era muito surpreendente, muito instigante perceber tudo isso naquele período.

Também em 1998 eu iniciei um segundo Doutorado, em Teoria Psicanalítica, na UFRJ, e esse artigo, publicado em 1999 nos Cadernos do Círculo, justamente onde eu estava terminando a formação, já é também um início da pesquisa do Doutorado em Psicanálise, que foi um estudo baseado em Winnicott de uma contestação ao conceito de pulsão de morte como originário. Ele foi publicado em livro como *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*, pela editora da UFRJ. Infelizmente já está esgotado, mas espero reeditar em breve com o título *Clínica Psicanalítica da Potência*. Começo o artigo mostrando a teoria freudiana no texto, analisando o texto freudiano, da segunda tópica e onde Freud fala que a psicose seria, basicamente, uma vitória do id contra o superego, então seria, digamos, uma derrota do superego na tarefa de controlar o id.

Com minha bagagem anterior de análise crítica filosófica à metafísica – a minha tese de Doutorado em Filosofia teve o subtítulo “Por uma ontologia não metafísica” –, quando eu comecei a estudar Freud e Lacan, saltou aos olhos para mim o quanto existia ali de uma carga metafísica, de uma herança direta e explícita que comprometia inteiramente a própria base da metapsicologia freudiana e lacaniana. Então a questão da etiologia da psicose ficou muito explícita para mim como um erro de Freud e Lacan.

Enquanto Freud acreditava que a psicose vinha, digamos, de uma vitória do id e de uma derrota do superego em controlar o id (ou “isso”), evidentemente isso refletia uma crença falsa de que nós, seres humanos, temos um lado bestial que precisa ser civilizado e reprimido, no caso, pelo superego; em Lacan é a mesma crença em outros termos, de que o real destrutivo precisa ser recoberto pela Lei, pelo Simbólico. Isso não faz sentido, não faz sentido observando o ser humano, que eu já observava. Eu já tinha concluído o meu Doutorado em Filosofia e isso me ajudou a aprofundar essa percepção. Essas descrições de Freud e de Lacan não correspondiam à realidade. Então, eu comecei a perceber nessa experiência na Toca, com Ana Rocha, nesse convívio da formação no Círculo, em outras experiências também de contato direto com a psicose, a perceber que não era isso. E aí Winnicott me ajudou a entender justamente o quê? Que na origem, não existe uma pulsão de morte. Winnicott chama atenção para isso.

Winnicott, por exemplo, além de várias outras passagens, diz que queria livrar Freud de carregar no seu ombro de Atlas o conceito equivocado de pulsão de morte. E o que eu vi é que esse erro freudiano de descrição, de metapsicologia, de ontologia (se a gente usar o termo

filosófico), vinha de uma concepção que claramente Freud herdou das filosofias metafísicas, e à qual aderiu, como a de Schopenhauer, explicitamente utilizado por Freud, e outras como a de Kant e de Platão.

Então, quando Winnicott mostra que na origem não tem uma pulsão de morte, que o que há é uma força vital, é um impulso criativo, um gesto espontâneo, eu fui percebendo pela minha observação que o superego da neurose, digamos, descrito por Freud, é o mesmo superego na origem da psicose. A diferença é que, no caso da neurose, existe um *self* que se constrói a partir dessa repressão superegoica, enquanto que na psicose, esse mesmo superego encontra um *self* fragmentado, mas a origem, tanto da neurose quanto da psicose, estaria nesse superego. Winnicott ajuda a perceber isso. Tanto pela metapsicologia winnicottiana a gente vai chegar lá, quanto pela percepção justamente de que, na origem, não há uma bestialidade; na origem o que existe é um impulso criativo. Depois eu fui vendo e desenvolvendo essa observação, e Winnicott descreve isso, de que o superego em muitas pessoas pode ser um superego benigno e não o superego da neurose, descrito por Freud.

Daniela Guizzo

Sim, eu acho que é interessante que Winnicott chama o superego de superego pessoal, não é André?

André Martins

Isso, perfeito.

Daniela Guizzo

No ano seguinte em 2000, você publicou “Criação e psicose: repensando a metapsicologia das psicoses” [In: Paulo Amarante. (Org.). Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade. 1ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p.75-94].

Nele você apresenta novas questões e interpretações para a compreensão da psicose e faz reflexões sobre sociedade e neurose. Você utiliza conceitos freudianos e lacanianos, especialmente sobre o superego e avança novamente – como no artigo de 1999 – para reflexões winnicottianas. Cito você: “Também a psicanálise produziu seus autores que não reconheceram no psiquismo uma necessidade de oposição entre a guerra e a civilização, entre uma natureza primária e uma cultura secundária. Entre estes, privilegio pessoalmente D. W. Winnicott.”

Neste texto você também usou conceitos da filosofia de Spinoza e Nietzsche.

Foi seu primeiro trabalho em que você deu início aos seus estudos aproximando Winnicott de Spinoza? Você pode nos falar um pouco sobre este artigo?

André Martins

Claro. Esse trabalho foi uma continuação do anterior, onde eu mostro justamente isso, que a psicose e do mesmo modo a guerra, a violência, a destrutividade, antes da gente pensar em termos sociais e no indivíduo, não vêm de uma pulsão originária. A destrutividade, e Winnicott diz explicitamente isso, é uma expressão reativa, quando o gesto espontâneo, o impulso criativo, de algum modo é reprimido. É diametralmente o oposto do que Freud e Lacan diziam. O processo civilizatório – e hoje em dia a gente tem mais elementos também pra pensar isso –, o processo colonial, é antes de mais nada uma colonização do desejo do outro, então a opressão colonial é, justamente em nome de civilizar os selvagens, a mesma coisa que Freud e Lacan estão pensando em relação ao indivíduo. Baseiam-se nessa teoria falsa – falsa no sentido de que não corresponde ao psiquismo, não corresponde à realidade –, de que haveria uma espontaneidade destrutiva. Winnicott vai mostrar que é quando o gesto espontâneo não é acolhido, quando ele encontra um ambiente hostil, que essa espontaneidade e num certo sentido, então, essa agressividade, será vivenciada ou percebida como agressividade violenta, como destrutiva. É uma descrição nítida do erro teórico e do erro de observação clínica de Freud e de Lacan.

Quando nesse texto eu já começo a colocar Spinoza e Nietzsche, é na continuidade de um trabalho muito anterior meu, que vem desde a minha dissertação de mestrado, cujo título é *Por uma filosofia ética*, onde ainda não existia para mim Spinoza, eu ainda não conhecia a fundo seu pensamento, mas eu já contava com essa pujança do pensamento de Nietzsche. E no meu Doutorado em Filosofia Spinoza entrou com toda a força. Então, nesse momento do texto, após esses anos de conhecimento acrescidos aos estudos de Winnicott, ficou muito claro que eles estavam, cada um a seu modo, tendo uma mesma observação do real. E aí eu comecei a inserir o que eu já tinha percebido, observado e aprendido com Spinoza e com Nietzsche, e nos meus textos sobre Winnicott esse entrelaçamento foi crescendo ao longo do tempo.

Daniela Guizzo

Em 2008 você publicou o artigo “Religiões e tecnologias médicas: soluções mágicas contemporâneas. Uma análise a partir de Spinoza, Nietzsche e Winnicott” [In: Barros, J. A. (org.) *Os fármacos na atualidade: antigos e novos desafios*. Brasília: Anvisa, 2008].

Neste artigo você escreveu, a partir da compreensão da teoria dos afetos de Spinoza e da teoria psicanalítica de Winnicott, com o apoio da crítica nietzschiana à cultura, sobre alguns aspectos imaginários e geradores de afetos passivos presentes na contemporaneidade. Você escreveu sobre religião e sobre biotecnologia médica. Como a obra de Winnicott o ajudou a pensar sobre estas questões contemporâneas? Quais os conceitos e textos winnicottianos que você utilizou?

André Martins

Eu adorei fazer esse trabalho, eu já comecei mais claramente a usar Spinoza, Nietzsche e Winnicott como o que eu chamo hoje de ferramentas conceituais, eu comecei a usar eles para pensar questões. Neste texto, coloquei o que eu vi em comum entre um certo uso das instituições (mais do que da religiosidade) e das tecnologias médicas – daí a publicação desse livro ter sido pela ANVISA (que é a Agência Nacional de Vigilância Sanitária) –, em particular dos fármacos da psiquiatria. Não é uma crítica ao *re-ligare* da religião, não é uma crítica aos medicamentos psiquiátricos, é uma crítica a um certo uso psicológico frequente, comum, tanto de um quanto do outro. Em relação à religião, eu mostrei a crítica que tanto Spinoza quanto Nietzsche fazem, não à religiosidade em si, mas à religião como doutrina. E Winnicott nessa questão da religião é também bastante interessante, porque vai mostrar que Deus, a princípio, independente de uma religião instituída, é um lugar onde a pessoa pode depositar os seus sentimentos bons, os seus afetos bons, como uma maneira de protegê-los, não só, digamos, das maldades do mundo, como dos elementos persecutórios de cada um, da própria pessoa.

O ponto em comum que eu vi em relação aos fármacos é porque tanto um quanto o outro acabam tendo um uso como soluções mágicas. Digamos, eu estou com um problema, ao invés de compreender esse problema, o porquê e o como, de que maneira eu estou me afetando mal com ele, haveria essa tendência do ser humano de pensar: eu vou “entregar a Deus”, ou eu vou pensar que Deus “escreve certo por linhas tortas”, enfim, vou levar todo esse aparato de crenças. Eu concordo com Spinoza que esse uso da religião é supersticioso, eu diria que a religião é tomada como se tratasse uma varinha mágica, para não entrar em contato com os próprios afetos. E eu observei o mesmo nas tecnologias médicas e nos fármacos, como tendo um uso frequente também com o fim de não se entrar em contato com os próprios afetos. Quantas vezes a gente ouve, eu ouço, ouvi à época e continuo ouvindo, as pessoas se sentindo aliviadas psicologicamente por estarem se medicando, como um consumo, por conta já de aliviar um pensamento de culpa, no sentido de que se o problema é fisiológico, não preciso compreender meus afetos, sua gênese em mim agora e em minha história, sua psicodinâmica. Então, num

certo sentido, os fármacos dialogam com a questão das religiões instituídas: um certo pensamento de culpa é aliviado, pois se me dizem que a minha depressão é endógena, ou se é uma lição divina, então não é culpa minha. Sempre que se coloca a questão, seja no biológico, seja no mental, se eu encontro uma solução mágica, é uma maneira de não entrar em contato com os meus próprios afetos.

Nesse artigo, Winnicott me ajudou a pensar justamente que esse tipo de solução mágica, seja nas religiões instituídas, seja em relação aos fármacos, se encaixa claramente no que descreve como uma defesa maníaca, porque a defesa maníaca nos diz de uma fuga para fora. Winnicott descreve isso, e eu concordo: a sociedade oferece meios para que as pessoas possam fugir para fora e não entrar em contato com as próprias dores, os próprios afetos, para não se passar pelo desconforto de compreendê-los. Sejam as religiões, sejam os fármacos por uma explicação neurocientífica, ou biológica ou psiquiátrica, seus usos podem ser como formas de defesa. A gente estaria lançando mão de defesas maníacas, quando a gente sofre, tem tristeza, se afeta mal, ou seja, fazendo uso de uma defesa eufórica, de uma alegria passiva (para usar o termo de Spinoza), para buscar não entrar em contato com esse dentro que nos permitiria compreender o que é que está acontecendo com a gente.

Daniela Guizzo

Excelente. Eu vi que nesse artigo você usou aquele texto “Moral e Educação” de Winnicott, não?

André Martins

Isso.

Daniela Guizzo

Em 2009 você escreveu o artigo “Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica” [Cad. Psicanálise - CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 37-56, 2009].

Neste texto, ao pensar sobre o comportamento do perverso narcísico, você se debruçou no estudo dos conceitos de falso *self* e *holding* de Winnicott e escreveu: “o paciente perverso narcísico tentará com muito talento manipular o analista. Porém, como diz Winnicott nesta passagem crucial: ‘O analista [...] acredita no paciente e, quando este o engana, acredita nos motivos do paciente para enganá-lo’”.

Como estes conceitos winnicottianos (falso *self* e *holding*) o auxiliaram em seu estudo sobre a perversão narcísica? Nos fale um pouco sobre o desenvolvimento deste seu estudo.

André Martins

Esse artigo também foi um artigo que me deu muito prazer, muita satisfação em escrever, à medida em que a gente vai aprofundando esse conhecimento do psiquismo humano, e com esse olhar psicanalítico, no caso winnicottiano. É impressionante. Hoje em dia está mais na moda do que à época falar sobre personalidade narcisista. Naquela época, justamente, eu estava intrigado pelas personalidades narcisistas, tentando entender sua psicodinâmica, e um livro me chamou atenção, de Marie-France Hirigoyen, *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*.

Só que ela não usava Winnicott. Aí, na minha observação e no meu esforço de compreensão da personalidade narcisista e, mais ainda, especificamente do perverso narcísico, fui entendendo melhor o que é a perversão e como funciona essa psicodinâmica da perversão, e o quanto que ajuda a gente a compreendê-la, e pensar a questão, o conceito de falso *self*, isto é, isso o que Winnicott observou e deu esse nome; como ferramenta para a gente entender melhor o falso *self*.

Porque o narcisista, segundo o senso comum, nos dá duas impressões. Uma é de que ele seria muito autoconfiante, de que ele “se acha” grande coisa; que tem um ego muito grande no sentido não técnico do termo ego, mas no sentido do senso comum, de uma pessoa que tem uma autoestima muito grande. E uma outra impressão que se tem é que a pessoa se ama, ama a si mesma e ignora os outros, que são desprezíveis ou têm menos valor. Uma outra ideia que está geralmente associada ao narcisista é a de uma maldade. O que eu busquei nesse artigo foi justamente mostrar, o quanto eu pude em termos de detalhamento desse funcionamento psíquico, que o narcisista, nesse sentido da perversão, e não simplesmente o narcisismo como uma parte do processo primário de amadurecimento emocional e psíquico do ego e do próprio *self*, mas a perversão narcísica, o narcisismo no sentido do narcisista, e em particular, da perversão, vem da falta de um sentimento de um verdadeiro *self*. Trata-se de um *self* que não consegue se expressar verdadeiramente. Winnicott descreve isso com muita clareza. O narcisismo é claramente reativo, ele não é originário. Sim, a gente pode constatar suas maldades, mas o que eu busquei nesse artigo foi entender a gênese, as causas próximas, a psicodinâmica disso que termina por se expressar como maldade contra um outro. Essa passagem que você leu, que está no meu artigo, mostra justamente isso, que existe ali um falso *self*, devido a uma enorme insegurança e a uma falta brutal de autoestima, de alguém que não consegue se amar, que carrega ódio e amargura, antes de mais nada voltados a si mesmo, ao ponto de expressar contra o outro um narcisismo perverso, ao ponto de uma perversão narcísica.

De usar o outro para, vou usar um termo impactante, “vampirizá-lo”, quer dizer, para de algum modo se apoiar e se alimentar daquela energia do outro.

O meu interesse foi entender e esclarecer a psicodinâmica dessa mente do narcisista e pensar em um horizonte clínico terapêutico, sobretudo das vítimas do narcisismo, e tentar entender qual é o perfil dessas vítimas da perversão narcísica, do perverso narcísico, e de que maneira que eles se enredam. E, mais uma vez, claramente, contrariamente ao que alguns acreditam que seja, essa participação não se deve a um masoquismo. Ao contrário, é um sentimento de força e de potência por parte da pessoa que acaba levando-a a ser o alvo de algum perverso narcísico. Ainda que intuitivamente, inconscientemente, a pessoa acaba considerando ou que ela não vai ser atingida pela perversão narcísica ou que ela vai conseguir mais ainda: de algum modo, crê que vai ajudar o perverso narcísico. Só que na perversão narcísica, aí que está, quando a gente entende a psicodinâmica do perverso narcísico, a gente vê que ele se alimenta disso, dessa vontade do outro em ajudá-lo, de o outro julgar que não será atingido, de modo que essa é uma conta que não fecha, e a tendência é que a vítima da pior versão narcísica se veja aos poucos e cada vez mais completamente exaurida, deprimida, enfim, sem energia.

Então, resumindo, nesse artigo eu busquei tanto entender o psiquismo do perverso quanto o psiquismo da vítima e o horizonte terapêutico tanto para a vítima quanto para o perverso, que é muito mais difícil, porque a tendência é que o perverso narcísico utilize o próprio fato de estar em terapia como um dos elementos do seu falso *self*. Enfim, foi esse o objetivo do artigo.

Daniela Guizzo

Em 2014, em um livro sobre o pai na abordagem winnicottiana, você publicou o artigo “Reflexões sobre as funções do pai na inserção da criança na realidade partilhada a partir de Winnicott”. Você afirmou na parte conclusiva do texto que o pai pode contribuir de duas formas para a função materna: 1. ao fazer o *holding* físico e logístico da mãe e 2. ao participar ativamente da função materna. Você pode nos falar um pouco sobre como Winnicott pensa a função materna e paterna e em que medida estas funções facilitam a inserção da criança na realidade partilhada?

André Martins

Então, esse tema também é um tema que eu adoro, inclusive enquanto pai e um pai que fez questão, espontaneamente, porque é uma alegria ativa para mim, de maternar. Winnicott escreveu um artigo intitulado “E o pai?”, o que é ótimo, porque Winnicott baseia a psicanálise

dele, a teoria dele, na função materna, na importância da maternagem, e nesse artigo, mas não só nesse artigo, ele explicita qual o papel do pai. Um pequeno parêntesis: esse papel do pai apresentado por Winnicott contrasta radicalmente com o papel civilizatório repressor de Lacan, que acredita equivocadamente que o papel do pai é impor uma lei, sem a qual, grosso modo, simplificando mas pegando a essência da ideia lacaniana, a psicose tomaria a frente, como a gente já viu nos meus artigos iniciais.

A primeira função do pai que Winnicott mostra é a de fazer o *holding* da mãe, para que a mãe possa fazer o *holding* do bebê. E o que eu pensei com Winnicott, é que embora ele fale da função materna, ele fale da mãe ambiente em seguida da mãe objeto, em diversos textos, o tempo inteiro, ou seja, ele está chamando a atenção de que essa mãe tem o sentido da função materna, ele usa o termo cuidador principal; ele fala “mãe ou substituto”. O substituto pode ser uma mãe adotiva, que não é a genitora biológica; pode ser um casal homossexual masculino; pode ser a avó; e pode ser o pai num casal heterossexual. Então trata-se de uma função. Ou seja, se fizer sentido para o pai e para o casal, para a mãe, o pai pode participar dessa maternagem. No próprio artigo eu lembro experiências assim, por exemplo, dos países do norte da Europa, Suécia, Dinamarca, Finlândia, e não só; hoje em dia em outros países da Europa, no Canadá já é assim também, onde a licença maternidade pode ser tirada pelo pai. Então nos primeiros meses, aí tem que ver a lei de cada país, mas me parece que em geral nos primeiros três meses, em que ainda está muito próxima a questão da amamentação, é preferencialmente a mãe quem cuida do bebê, mas a partir de então a licença maternidade pode ser tirada pelo pai, em alguns lugares até por um ano, enquanto a mãe pode voltar ao trabalho, e o pai assumir a maternagem. Esse é um exemplo social prático desse reconhecimento de que essa função materna do pai, essa função de maternagem do pai pode ser exercida e, nesse sentido, essa função de maternagem do pai também é uma função paterna! Então, mais uma vez Winnicott oferece as ferramentas conceituais para que a gente possa compreender questões que são extremamente contemporâneas. A maternagem não é uma questão de papel social, nem de gênero, nem a relação do cuidado com os filhos, com a casa etc.

Daniela Guizzo

Sim, ele parecia ser uma pessoa muito aberta, que nos convida sempre a ampliar o olhar, Não?

André Martins

Isso! E só para complementar: quem estuda Winnicott sabe, entende claramente que, se o papel importante da maternagem é esse *holding* inicial, e esse *holding* inicial significa uma mãe-ambiente, entenda-se uma função-materna-ambiente, ou seja, de um ambiente que permita um gesto espontâneo, que permita que o bebê adquira uma confiança a partir de uma experiência da onipotência, isto é uma experiência real de potência, para que ele não precise, depois, correr atrás de um sentimento ilusório de onipotência, então pai e mãe podem perfeitamente estar juntos nesse acolhimento ambiental.

Daniela Guizzo

Isso mesmo, é excelente. Recomendo a leitura desse artigo.

Eu ainda gostaria de escutar de um artigo seu de 2015, sobre “Promessas, expectativa, esperança, ou como ter confiança na imprevisibilidade?”, ou um de 2021, que é “A grande identidade Spinoza-Winnicott ou a força vital da imanência”, e a gente pode até voltar para esses artigos se sobrar tempo, mas eu vou pular para o seu último artigo, que é desse ano de 2023. É um artigo muito bonito, onde você me pareceu ter avançado para ideias bem maduras de tudo o que você vem pesquisando ao longo desses anos.

O seu artigo, de 2023, é “Uma tópica winnicottiana e spinoziana” [Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 16, nº 1, pp. 75-106, 2023].

Neste artigo você apresenta de forma mais madura todo o estudo acumulado ao longo destes anos em suas pesquisas. Vou ler um pequeno trecho: “O que proponho como uma tópica winnicottiana, podemos entender como se constituindo do psiquessoma, isto é, de uma unidade de corpo (soma) e psiquismo, e uma outra instância, a mente, como a elaboração psíquica da atividade somática, podendo essa elaborar de fato as interações reais do psiquessoma com o ambiente e os objetos, de modo a compreender nossos afetos; ou, em sentido oposto, se dissociando do que se passa no psiquessoma, a fim de evitar as experiências dolorosas vividas por ele.”

Você poderia nos falar um pouco sobre este seu novo artigo? Sobre o que seria uma tópica winnicottiana? Sobre como você fundamentou este seu estudo a partir da descrição freudiana das tópicas?

André Martins

Claro. Eu concordo, é um desenvolvimento desse percurso de vinte e tantos anos. Então eu usei o termo “tópica” a partir do termo utilizado por Freud, primeira e segunda tópicas freudianas do aparelho psíquico. Obviamente, não mantive o termo “aparelho” porque Freud o

usou em analogia ao aparelho digestivo, aparelho respiratório etc., o que não faz sentido. Tópica fala de espaço. Isso não me incomoda, porque é um uso metafórico para falar de lugares, no sentido amplo do termo, do funcionamento psíquico. E eu vejo, portanto, uma tópica lacaniana a partir dos três registos do psiquismo, que ele propõe: real, imaginário, simbólico. E me pareceu muito evidente que a imensa revolução winnicottiana, é uma revolução epistemológica, porém não é nem mesmo exatamente uma revolução, é um outro paradigma. E não é um outro paradigma no sentido de que há esse paradigma e aquele paradigma. Não, trata-se de um outro paradigma porque Freud e Lacan estão errados em suas interpretações, mas que, claro, descrevem algo. Quando Winnicott propõe o que eu já estou chamando da tópica winnicottiana, a gente entende melhor o que as tópicas de Freud e de Lacan descrevem, porque elas se inserem na de Winnicott como casos específicos, que, no entanto, foram generalizados e naturalizados indevidamente por eles.

Em Freud, temos claramente a descrição da formação da neurose; em Lacan, também da formação da neurose, mas também da perversão. Porém, ambos acrescentam uma explicação herdada de um erro conceitual filosófico metafísico. Basicamente, tentando falar de forma breve, Freud pensou a primeira tópica como constando de três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente. Ele então acreditava que as dificuldades psíquicas, os transtornos psíquicos se deviam à repressão, ao recalque, e à repressão desse material recalcado; e que, portanto, uma vez que, através da terapia da palavra, fosse possível trazer o inconsciente ao consciente, que é uma das formulações famosas de Freud, não estaria mais nada recalcado, e então os sintomas desse recalque, dessa repressão que passaria a não mais existir por ter vindo à consciência, desapareceriam. Mas isso não aconteceu. Freud, reconhecendo que o fim dos sintomas não acontecia, propôs a segunda tópica.

Agora, o que eu observei, enfim, e apresentei inclusive numa jornada que organizei na École Normale Supérieure de Paris, em 2007, “Spinoza e a psicanálise” (está publicado em livro pela editora Hermann, de Paris), o que eu observei é que em “O ego e o id”, Freud diz algo assim: “meu amigo Groddeck sempre me falou que nós somos vividos por um *isso*” (em seu “O livro do isso”) e é a partir dessa intuição, dessa contribuição groddeckiana que Freud propõe a segunda tópica. Basicamente, em Freud, trata-se de um id selvagem, um id-natureza, o ego sendo um efeito de fachada interpessoal social, identitário, que vai se fazendo no contato entre esses vários ids individuados, individuais. O id é um isso, um indiferenciado e, portanto, um indiferenciado individual como parte de um grande indiferenciado da vida. E o ego, se formando como efeito de fachada, geraria, provocaria essa terceira instância psíquica do superego, porque a partir dessa natureza má, ou que não a chamemos de má, dessa natureza

selvagem, dessa natureza destrutiva, pulsão de morte, dessa compulsão originária à morte, esse ego se formaria e passaria a ter interesse em sua preservação, na conservação da individuação. E o superego surgiria como uma maneira de impedir a destruição interna, a destruição que na verdade, viria da natureza dentro de cada um de nós. Isso na segunda tópica. Porém, quando Freud dá essa ideia de que ele pegou essa ideia de Groddeck, eu fui buscar os textos originais de Groddeck, e vi que ele tira essa ideia – olha que curioso – justamente de Nietzsche e de Spinoza. A tópica groddeckiana não seria essa de Freud, porque em Groddeck o indiferenciado, o *isso* em geral, corresponde à substância única em Spinoza, ou seja, à própria natureza, a natureza não como destrutiva, mas ao contrário, a natureza como potência criativa, autopoietica, potência de vida. Força vital. Então, não se trata de uma pulsão de vida individual, é a potência da própria vida. E a ideia de que esse ego vai se formando nas relações, Groddeck tira de Nietzsche, dos parágrafos 16 e 17 do livro *Para além de bem e mal*, onde Nietzsche diz: “nós somos vivenciados por um isso”, *Es* em alemão. Groddeck faz essa junção que eu acho perfeita, entre a teoria nietzschiana, isto é, entre a maneira nietzschiana de perceber a vida e a individuação, e a maneira spinoziana de perceber a vida e a individuação. Então na origem da segunda tópica, via Groddeck, o que existe é uma compreensão muito clara dessa força vital winnicottiana, em Spinoza correspondendo ao *conatus*.

O superego, como eu vinha desenvolvendo ao longo desses anos, não precisa ser repressor. Ele é repressor quando esse processo civilizatório entende, por engano, de que se deixar livre a criança, a origem das pulsões sendo supostamente uma origem destrutiva, advirá uma psicose. Mas o que é visto como disruptivo nesse modelo metafísico freudiano e lacaniano, o que é visto como uma desordem mental, não é originário, é secundário, reativo. É o contrário do que Freud e Lacan dizem. Bom, aí, o que é que diz Winnicott? E por isso que eu chamei de tópica: qual é a espacialidade que Winnicott está propondo?

Freud e Lacan pegam justamente essa herança da história da filosofia metafísica – Lacan é *agrégé* em Filosofia, que é um título dado por uma prestigiosa prova francesa de conhecimento panorâmico, difícilíssima de passar; Freud fez um doutorado em filosofia, embora não tenha defendido tese. Essa herança teórica metafísica deles concebe um lado selvagem, bestial, natural, cuja repressão se tornaria necessária para tornar viável essa natureza inviável. Ou seja, trata-se de uma oposição dicotômica, metafísica, entre natureza e cultura. Em Winnicott não existe essa dicotomia, nem essa herança filosófica, porque Winnicott está observando bebês, ele não tinha nada a ver com filosofia, ele não estava aprendendo metafísica, não estava lendo Schopenhauer, Platão, Kant, e projetando sobre a observação dos pacientes, fazendo uma identificação projetiva sobre o que estava observando. Então, o que Winnicott

percebe é que cada um de nós é um psiquessoma, ou seja, não há psique sem soma, nem soma sem psique, essa união é algo dado. É exatamente o que Spinoza descreve. E é exatamente o que é observável na vida. Quando a neurociência descobrir isso, ela vai avançar muito. O que é dado é um psiquessoma, é junto. E o que é a mente em Winnicott? Vou pensar nessa espacialidade: Winnicott diz, com todas as palavras: eu sei que vou incomodar muita gente, sobretudo os filósofos, entendam-se os metafísicos, ao afirmar que a mente não existe, entenda-se a mente não existe como coisa, a mente não existe como uma instância em si. A mente, diz Winnicott, é uma *função* do psiquessoma. Winnicott explica a mente como uma função do psiquessoma; a mente é o psiquismo, é a elaboração psíquica da atividade somática, mais uma vez exatamente o que eu vejo na filosofia da mente em Spinoza. Essa mente que elabora a atividade psicossomática, é uma mente reflexiva, que é o mais fácil de entender.

Mas o que o Winnicott vai mostrar lá na infância? Quando o ambiente é hostil, essa mente se defende da experiência do psiquessoma, sendo uma experiência dolorosa. Então, diz o Winnicott, a criança, o bebê, se refugia na mente. Essa mente, mentalmente, ou seja, imaginariamente, vai se dissociar de uma experiência de dor, e aí a gente tem a formação do falso *self*, então tudo o que foi atribuído ao id malvado, ao id selvagem por Freud, em Lacan o real destrutivo, é um efeito imaginário, real mas meramente mental, de um refúgio na mente, porque o psiquessoma foi vivenciado num ambiente hostil na origem, no início, na primeira infância; porém essa mesma mente tem uma margem de reparação imensa. E se o ambiente não foi hostil e não é hostil, essa mente é o contrário de destrutiva; pois ela pode usar essa reflexibilidade, isto é, essa função do psiquessoma pode usar essa reflexibilidade para compreender o que se passa nos momentos de dor, e também nos momentos de alegria.

Então, Freud, Lacan e Winnicott se propõem a descrever esse funcionamento do psiquismo e quando Winnicott faz isso que eu estou chamando de tópica, descreve isso que ele está enxergando ali na frente dele, a gente entende que o que Freud estava achando que era primário é na verdade secundário, que o que Lacan estava achando que era primário, é secundário, ou seja, eles estavam descrevendo especificamente um tipo de enfermidade psíquica, a neurose, e não o funcionamento psíquico em geral, como pensavam estar fazendo. A descrição de Winnicott abrange essa descrição da tópica freudiana e da tópica lacaniana, mostrando que elas estão erradas ao serem generalizadas e ao descreverem como ponto de origem uma pulsão de morte ou um real destrutivo.

Daniela Guizzo

André, muito obrigado por você nos descrever pessoalmente, e com tanta vivacidade, cada um dos seus artigos. Eu te agradeço em nome de toda equipe do Boletim Winnicott no Brasil.

André Martins

Daniela, eu queria te agradecer de coração, agradecer a todo mundo que está presente, a quem for assistir isso depois. Queria convidar também a seguir meu perfil @andremartinsfilosofia, do Instagram, e o meu canal do YouTube, “André Martins Filosofia”. No canal do YouTube tem várias *lives*, várias palestras, um material extenso sobre Winnicott, sobre Spinoza, sobre Nietzsche, sobre essa criação intelectual minha, essa construção autoral que eu tenho feito já há mais de três décadas, e com Winnicott já há mais de 25 anos.

Daniela Guizzo

Eu também assisti no YouTube da TV Cultura os *Cafés Filosóficos*, que há muitos anos você fez, falando sobre o Winnicott.

André Martins

É isso mesmo, o meu primeiro *Café Filosófico* foi em 2005, sobre o Winnicott, e o último é de 2023, que está disponível no canal do YouTube do Instituto Cultural CPFL e vai ao ar na TV Cultura em dezembro. São 8 ao todo que gravei, o oitavo vai ao ar agora em 2023. Em 2005 foi o primeiro, já falando de Winnicott, e no de 2023 eu também falo de Winnicott, que vai ao ar em dezembro agora.